A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 61 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES.

VIVA A REPUBLICA!

(*Sports* politicos num gymnasio liceal, sob a presidencia de S. Francisco . . .)

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 14 DE MARÇO DE 1926 — N.º 6

PROPRIEDADE DA EMPRESA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

A serenidade e a cortezia não são, positivamente, duas virtudes da raça. Sempre que se junta um mólhinho de portuguêses, quer seja num jantar de anos quer num comicio, o menos que pode acontecer de desagradavel é trocarem-se alguns insultos, sublinhados a bengaladas e confirmados com sôcos, que assentam indistintamente e na sua cegueira de punhos fechados, nos tampos das mêsas ou nas bochechas do proximo.

A controversia, o embate de opiniões são no dicionario dos nossos habitos meros sinonimos de descompostura e pancadaria. Discutir os paineis de S. Vicente ou o orçamento geral do Estado pode levar-nos ás mesmas consequencias desastrosas de murro e palavrão. Ter uma opinião formada e sustenta-la perante o nosso semelhante é tão perigoso como morar num predio de construção recente: quando uma pessoa mal se precata cai-lhe tudo em cima. Se eu me atrever a afirmar que vai correndo delicioso este prologo de primavera, que estamos gosando, arrisco-me a que alguem, divergindo da minha opinião, me chame nomes feios ou me faça um olho negro.

Eu creio que isto é assim, entre nós, desde Afonso Henriques pelo menos, militando a favor da descortezia desses tempos o facto ponderavel de não ser então ainda conhecido o chá e a sua aplicação terapeutica ás rugosidades do caracter. Já nesse dealbar longinquo da nacionalidade se verificaram casos semelhantes aos que hoje se repetem. O ruivo Infante Afonso Henriques, querendo arrebatar á sua mamã, Dona Tareja, aquilo a que os companheiros de historia chamam metaforicamente as «redeas do governo», abriu a primeira scisão na familia portuguêsa. Analisando o que se passou no ultimo congresso nacionalista, com a scisão Cunha Leal, é facil reconstituir o que teria sido, como mimo de expressões e gestos, a discussão decisiva dos pontos de vista do moço Infante e da sua respeitavel senhora mãe. Pancadaria houve e da rija, conforme alcovita a Historia e bem se pode calcular o que mutuamente se teriam chamado os barões, infanções e cavaleiros que seguiam o aguerrido Infante (que podemos, com honra para ambas as partes, comparar no caso presente a Cunha Leal) e os que se agruparam em torno das saias de D. Tareja (que, sem desprimor, foi o Ginestal Machado desse recuado episodio historico).

* * *

A falta de serenidade, que redunda em descortezia, de que damos tão infelizes provas sempre que é mister discutir um facto ou uma opinião, provem essencialmente da convicção pessoalissima em que cada português (do mais letrado ao mais inculto) se enraizou de que só ele vê com inteligencia e clareza e que os restantes patricios são uns pobres diabos de cerebro curto, triste recua de bestas cuja missão é caminhar em fila submissa e resignada ao carrêgo atraz da luz intensa da inteligencia guiadora dum só. Para cada português a sua aldeia ou o seu país são a terra de cegos de que fala o proverbio e em que, se é possivel ser rei só com um olho, é facilimo ser imperador com dois. Cultivamos imoderadamente a basofia da esperteza e é por isso que o «conto do vigario» prospéra e que o país não progride, pois que tudo se resume a um duelo de espertezas individuais, que mutuamente se pretendem comer, como os grilos da anedota.

Da convicção individual da nossa superioridade de inteligencia nasce o conflito permanente em que vivemos. O não vingar a nossa opinião é uma afronta, que só pode ser reparada a vergastadas de insulto ou a vergastadas fisicas. Cada um de nós está no seu meio de acção como um *dresseur* de cães numa pista de circo: se os animais não executam docilmente o nosso programa corre-se-lhes a chibata pelas orelhas, até que eles se convençam de que ali somos nós a inteligencia guiadora e eles os simples executores da nossa vontade.

* * *

Não é a politica a minha especialidade. Dela me afastei a tempo e como o stoico sacudi das sandalias o pó impuro, á saida da sala do banquête. Não tenho afinidades com qualquer agrupamento partidario e bem posso dizer que, em politica, atingi o Nirvana. Mas, porque não participo da estreita individualização da inteligencia que caracteriza os meus contemporaneos, é com magua que vejo envolvidos na poeirada da contenda ingloria homens que eu admiro sem esforço e sem coração de qualquer especie. Andam-me por lá vendidos na baralha amigos velhos, companheiros de escola e de ideal, ferindo grandes golpes por motivos futis, rolando no lixo das questiunculas mesquinhas. Já não sei, nem curo de saber se eles são democraticos, nacionalistas, esquerdistas ou radicais. Limito-me a lamenta-los.

Pudesse este meu apêlo obscuro chama-los á razão e á pratica das coisas altas da inteligencia e do espirito e certo estou de que, desde as reuniões da juntas de freguezia ás dos congressos partidarios, haveria mais elevação nas discussões e mais serenidade nos animos, poupando-se-nos o espectaculo triste dum congresso em que se partiram pernas de cadeiras e de correligionarios, como se o objectivo, a divisa da reunião fossem, com grave esquecimento dos interesses publicos: «Tudo partido!»

Feliciano Santos

ECOS & COMENTARIOS

A politica

A' hora a que escrevemos sabe-se apenas que se zangaram as comadres nacionalistas e como o sr. Cunha Leal barafustasse que «uma pessôa assim nem vale a pena sacrificar-se, vá de haver murros e outros generos de «sport» no gimnasio do Liceu Camões. O publico assiste ao desenrolar destas «fitas» com aquele sorriso incrédulo com que premeia os combates do Coliseu, combinados antes no camarim. No fundo a gente tem a impressão de que todos, melhor ou peor, representam a comedia do sacrificio, a farça da isenção material e o drama sentimental da abnegação ao regimen.

O solo do clarim

Os senhores viram aquela historia do clarim do sr. Teofilo Duarte. Vale um poema de Offenbach.

O intrepido tenente deixou nas hostes do liceu Camões o seu ex-clarim.

Este, armado em cidadão nacionalista, declarou, com toda a dignidade:

—Eu dei ao sr. Teofilo Duarte a minha vida —mas não lhe dei a cabeça. (aplausos).

Quer dizer, este cidadão do bufo, bipartiu-se: Dá ao sr. Teofilo Duarte a vida sem cabeça, e ao sr. Ginestal Machado, a cabeça sem vida.

Nós, sinceramente, a recebermos alguma coisa, optamos pela corneta...

Afonso Costa

A nomeação do sr. dr. Afonso Costa para Presidente da Sociedade das Nações representa mais uma justa e equitativa reparação moral pelo generoso sacrificio que fizemos á causa do mundo latino, do que vitoria de prestigio pessoal.

Sem embargo, o antigo chefe democratico que é um homem de superior cultura juridica e cujo trato e afabilidade estavam de ha muito modificados ao contacto da civilisação da vida franceza—é considerado um valor marcante nos meios financeiros e politicos internacionais. E tem direito a isso, pela sua solida inteligencia, pelo seu forte poder argumentador e pelo brilho da sua palavra sempre eloquente.

Os inimigos de Afonso Costa que se contam ainda em Portugal por centenas de milhares—têm, ao menos, que lh'o reconhecer.

As lagrimas de sangue

Uma das coisas mais comoventes do Congresso Nacionalista foram as «lagrimas de sangue». Os senhores deviam ter visto pelos jornais.

Foi o sr. Pedro Pita, o sr. Botelho Moniz, o sr. Cunha Leal, o sr. Mendes Cabeçadas, o sr. Filomeno da Camara, o sr. Tamagnini Barbosa. Tudo chorou sangue, santo Deus!

A gente chega a convencer-se de que nestes excessos do Congresso ha mesmo alguma coisa de falta de «incomodine»—Deus nos perdôe!

Dum «filho da Ratoeira»

De um filho da Ratoeira, aldeia da Beira, o sr. Antonio Ramos de Oliveira, recebemos uma carta em que, com bastante sinceridade e pouca gramatica procura «desagravar» a sua linda terra por ter sido teatro da novela firmada pelo nosso brilhantissimo colaborador «O Homem que passa».

De certo na pitoresca e saborosa narrativa que assenta sobre factos autenticos, ha a pintura novelesca precisa a valorisar o quadro. Decerto tambem que a região é linda e que fica muito bem ao sr. Oliveira defender a sua Ratoeira natal. Decerto ainda que o sr. Prior, o sr. Professor, e os «estudantes que por lá abundam» devem ser pessoas consideraveis—o que não exclue que tambem seja consideravel a primitiva rudeza dos pobres camponios.

Adolfo de Castro

O nosso querido amigo e distincto jornalista Adolfo de Castro dedicou á festa que realizámos no S. Luiz em homenagem a Augusto Rosa, uma das suas ultimas e interessantes cronicas de teatro na «Eva», a revista feminina dirigida pela ilustre escritora D. Helena de Aragão.

Os nossos melhores agradecimentos.

—Que te parece, minha filha, a irmanzinha que te trouxeram?
—Ora! E' muito oborrecida não diz palavra!

—E teu marido não requereu o divorcio?
—Não! Vendeu a chaise-longue!

Má língua

Terramotos

A vida humana é uma lazinha frágil
sempre ao fim de uma estrada a percorrer.
Nem o que for mais apressado ou agil
se gaba de a alcançar e de a entender.

Ai que mal soa, folha ao vendaval,
e outras coisas que disse João de Deus,
a vida corre bem ou corre mal
conforme manda quem manda nos ceus.

Ás vezes,—reza a Historia,—quando a gente
vendo o que o homem fez, se sente inchar,
zanga-re a Providencia; de repente
começa a terra a «terramotear»...

E é ver como estes bichos de dois pés
(que ás vezes têm mais dois, para uma falta,)
dão gritos, urros, bufos, ais e mês
confessando-se fracos em voz alta.

Deviam sentir sempre essa humildade!
Só a sentem, por mêdo e com engulhos,
quando e sa gloria humana:—Uma Cidade—
se arrisca a ficar feita em negro entulho.

A mim,—que me confesso peccador
de todos os peccados que censuro,—
faz-me no entanto rir o ar superior
de muito grande Sabio,— ou «Grão» Madúro.

Se surge convulsão que nos abysma,
dizem saber a lei que a provocou.
Vemol-os aferrados numa scisma
que jamais o sismografo apontou...

Sim. O que é, afinal, um terramoto?
Quem lhe marca as fataes evoluções?
—Chega-me ás mãos, vindo de um sabio ignoto
este feixe de candidas versões.

Alguns dizem que a Terra é uma burrinha
—acho a imagem talvez um nada tosca—
que embora mansa, ás vezes escoicinha
nas horas quentes em que está co'a mosca.

O coronel Ferreira do Amaral
que a ordem nos impunha com delicia
jura que os terramotos afinal
não passam duma esquadra de policia.

Ha quem diga que a terra é um predio, erguido
numa rua do Empirio, em bairro bom,
por um «mestre» qualquer pouco entendido;
e treme, quando passa um camion.

(Nota.—A mui nobre e leal Maçonaria
esta versão repugna por inteiro,
visto que o que a acceitasse, acceitaria
que o Supremo Architecto é um gaioleiro...)

Direi por fim que a ideia mais seguida
acerca duma coisa tão cruel,
nasceu de certa exclamação ouvida
em Madrid, na parada de um quartel.

Andava a manobrar um regimento
parece que sem grande compostura,
com ar desengonçado e pachorrento
e mil ondulações na formatura.

O general, de grandes bigodeiras
retorcidas com garbo fanfarrão,
perdendo a certa altura as estribeiras
berrou caramba! e deu co'o pé no chão.

Nisto, a terra tremeu. Foi um pavor.
Mas, curvando-se, o velho general
murmurou num sorriso protector:
—«Não tremas, Terra! Eu não te faço mal...»

TAÇO

HUMORISMO

crónica alegre

BRUXAS

HOJE de manhã, houve grosso escandalo na minha rua. Foi o caso que uma das minhas visinhas, ao abrir a porta, deu fé de não sei que feitiçaria deixada na soleira por mão desconhecida, feitiçaria que, segundo ouvi dizer, era da marca peor do genero, e que implicava um destes azares de pôr as mãos na cabeça.

Aos gritos da enfeitiçada, apareceu a policia, houve ajuntamento, parou uma mudança com os respectivos galegos, discutiu-se, alvitrou-se e, por fim, tudo recaíu em socego, menos a mistura misteriosa, que foi atirada com imprecações para o fosso inocente dum caixote de lixo.

Eu sou dos que respeitam as crenças alheias para que não venham bulir nas minhas e por isso, afiz-me a não acreditar nem a deixar de acreditar em bruxas. Conservo-me no campo neutro que ainda é o melhor «*maple*» para a mandrice do raciocinio.

Ha porem uma coisa que constáto e que marca até certo ponto o gráu embruxádo em que vivemos. Raro é o jornal que não traz pelo menos oito ou nove anuncios de *buena-dicheiras*, *cartomantistas*, *videntistas e sonamboleiras* que apregoam aos sete ventos a eficacia da sua sciencia, como remedio supremo para cura de maleitas do corpo e tumores da alma, o que me faz chegar a esta conclusão que não é uma Africa por aí além:

Se existe tanta porção de bruxas, é porque alguem as alimenta, se alguem as alimenta é porque são necessarias, e se são necessarias é porque a bruxaria não é uma palavra vã e tem fóros de coisa indispensavel, na vida privada de muita gente.

Eu não sei de mulher que não tenha consultado bruxa, ou para saber o que é, ou na convicção de que um sápo com a boca cosida a retroz preto com a mão esquerda e a uma sexta-feira do quarto crescente, vai de parelhas com a finalisação da vida duma pessoa alvejada.

Esposa abandonada pelo marido ou menina a que o flato do namorico entúpa o apetite ao almoço, se o desastre toma proporções de avantajado dilema, não está com meias medidas: indaga poiso de mulher carteante e se as *más palavras* do cinco de espadas, a *porta da rua* do seis de paus e os *dinheiros grandes* do oito de ouros, lhe são propicios aos fados, esportúla os mil reis da praxe de boa sombra e ela aí vem para casa com uma banda a tocar dentro do peito aliviado, bemdizendo a

«*Voisin*» de quarto de aluguer que tão manifestamente lhe deu alivio aos engulhos.

Depois, não é só para casos de amor que a bruxaria conserva lenitivos e poções. Tambem inventa pomadas para berzundar a soleira das portas, para que o azar veja impedida a entrada, panaceias que tiram o mau olhado e livram alguem de sezões depois de morto, rezas que curam o vicio do alcool e fazem um homem «*voltar-se*» para casa, untadelas de camisolas para que os tacões das botas não entortem, toda uma vasta farmacopeia de remedios santos e eficazes, muito mais valentes que o bicloreto de mercurio ou a agua sedativa.

E não se julgue que tudo isto que fica dito são tretas de pantomimeiro de praça. Sei de grandes casos em que o bruxedo tem aparecido como tabua salvadora e d'outros não menores, em que o azar é completo, por não se atenter o conselho das bruxas. Por exemplo:

Um meu amigo teve a desgraça de matar um gato preto. Vai a esposa a uma vidente que lhe mostra o catalogo das feitiçarias onde, no capitulo «*morte*», estava escrito que o assassinato d'um gato faz recuar uma casa sete anos.

Volta a esposa do meu amigo com o remedio para o mal, remedio que o meu amigo despreza e atira aos confins d'um cano de exgoto; pois não lhes digo mais nada! Ha dois anos que o desgraçado procura uma casa e ainda não arranjou nenhuma, nem mesmo com trespasse!

O FOTOGRAFO:—Como fundo, vou pôr uma praia.
—O HOMEM SERIO.—Impossivel! O medico prohibiu-me o ar do mar, ninguem acreditaria que sou eu o retratado!

INOVAÇÕES

Os jornaes trazem o seguinte telegrama que bastante me intrigou pela extranheza:

MADRID, 5—O Director da Segurança prohibiu que nos cinematografos os homens estejam junto das mulheres.

Que demonio terá acontecido lá por terras de Hespanha que obrigue as auctoridades a uma sentença d'estas?! Que casos se terão dado nos cinemas para que o Director obrigue os espectadores á divisão do sexo?! Francamente, não sou capaz de atinar, não obstante ter empregado toda a bôa vontade.

Não sei a que idéia preside uma tal resolução, desconheço o bem que d'ela resulta para o equilibrio da humanidade, mas não se me dava de apostar que, se a ideia segue, temos em pouco as casas de exibições de fitas, entregues apenas á frequencia das moscas.

O homem não pode passar sem a mulher e isso explica-se com duas tretas: Sendo a mulher como é, oriunda de uma costela roubada ao nosso bemdito e estupido pae Adão, logico se torna que o homem, procure por todas as formas não largar de mão a possuidora de tão necessaria particula humana, na ancia de um dia a topar a geito de reentrega! Esta é que é a verdade e o mais são historias de moralistas pouco espertos e sem amor ao que era seu e lhes faz falta.

De resto, os antigos comprehenderam tão bem a questão que, não podendo conseguir o *desideratum* na maxima força do desejo humano, descobriram a plataforma do casamento, pelo qual o macho é meio dono da costela, tendo sobre ela direitos de antiguidade, cabendo apenas á mulher os trabalhos de conservação e administração.

Contudo, ainda d'esta não se resolveu o problema, pois reconheceu-se que, para alguns homens dotados de maior egoismo que o normal, era insuficiente a agregação d'uma costela e d'ahi derivam os chamados amores clandestinos, que são uma especie de restaurant onde cada um pode ir comer as costeletas que melhor lhe dér na gana.

Um dos melhores e mais afamados

menús d'essas casas de pasto é o cinematografo.

N'ele, alem do serviço á lista, com o preço marcado á direita, encontra-se um outro de mesa redonda nada inferior e onde o freguez póde encher a barriga á vontade, sob os aperitivósos olhos da Manicheli, ou ajuda digestiva das graças do Charlot.

Cortar o convivio do homem e da mulher é querer matar o primeiro á fome em proveito da segunda, não deixando tambem de ser a proteção descarada a um roubo cometido ha seis mil anos no Paraiso e que, apezar de todas as provas em desfavor da criminosa, tem gosado a alta benevolencia das autoridades.

Por mim falo. Se a policia de cá entende tambem fazer o mesmo que fez a policia hespanhola, faço um levantamento popular que pode ter serias consequencias, e depois avenham-se.

No entanto creio que não venho a ter esse trabalho, porquanto, apezar de todo o mal que se diz dos nossos homens publicos, eles sabem muito bem que, se amanhã um edital obrigasse a separação de machos e femeas nos salões cinematograficos, as primeiras vozes erguidas para o protesto, e os primeiros braços levantados em ameaça, seriam os femininos.

Porque isto de mulheres, são muito caprichosas quando ninguem lhes vae á mão. . .

HENRIQUE ROLDÃO

Carlos Carneiro, do Porto vem expôr a Lisboa, e Leitão de Barros vai ao Porto

Carlos Carneiro, notavel artista da nova geração portuense, filho de Antonio Carneiro vem expôr á capital os seus magnificos desenhos, duma arte tão pessoal e moderna. Leitão de Barros, outro artista de destaque, vai ao Porto expôr as suas aguarelas. Estabelece-se assim um intercâmbio a todos os titulos interessante entre os dois grandes centros portuguêses!

—O menino já está muito crescido! Vai deixar de dormir no quarto da mamã!
—Ora mais crescido és tu e não sabes dormir em outro sitio.

O DOMINGO ilustrado

Curiosidades

A força

que se faz... para nada...

ANTIPODAS

A palavra antipodas quere dizer «gente que ocupa um logar no globo, diametralmente oposto a outra gente: isto é, que tem as plantas dos pês em posição contraria ás plantas dos pés dos outros».

Os antipodas sentem todos o mesmo grande calor e frio: os seus dias e noites teem a mesma duração, ainda que em tempos opostos. Para estes é meio dia quando para aqueles é meia noite. O modo como está distribuida a terra e o mar faz com que no nosso globo haja poucos antipodas.

O AMOR POR UM REI

Na Alemanha, ha, repartidas por diversas cidades, trezentas e dezoito estatuas de Guilherme I.

O MAIOR PEIXE

O maior peixe que se conhece é um tubarão, que se cria nos mares da India. N'estas aguas do Pacifico, já se tem pescado tubarões de mais de vinte metros de comprimento.

O CARVÃO INGLEZ

Calcula-se que as reservas de carvão do almirantado inglez, para as suas esquadras, reserva que se conserva sempre, para um caso de guerra, é de 155.000.000.000, de toneladas.

O CORAL

Muita gente ignora que o coral, é um ser vivente, um animal, ou melhor, uma colonia animal formada por um grande numero de individuos.

O MAIS VELHO ESCARAVELHO

Entre os envoltorios de uma mumia, recentemente analisada no Cairo, encontrou-se em perfeitissimo estado de conservação um lindo escaravelho que, calculando pela idade da mumia, devia ter oito mil anos.

A PENA DE MORTE

Os unicos paizes onde não existe a pena de morte são: Austria, Holanda, Noruega, Portugal, Romenia e Suecia.

UM OFICIO CARO

Um dos misteres mais bem pagos que se conhecem é... o de pintar os circulos negros nas pedras do dominó...

OS RELOGIOS E OS MORENOS

Um celebre professor italiano, apresentou recentemente um relatorio em que prova que as pessoas morenas exercem uma enorme influencia magnetica nos relogios de que são portadoras.

Nos actos mais vulgares e correntes da vida, taes como falar, respirar, andar, etc., gasta cada homem uma quantidade de energia que, concentrada, nos permitiria realisar prodigios de força superiores aos que a mente humana pode conceber.

O homem que pudesse descobrir um processo para aproveitar a energia que diariamente perdemos ao executar os actos mais simples, chegaria a tornar-se senhor do mundo. Os doze trabalhos de Hercules, ficariam sendo brincadeiras de creanças ao pé dos que essa descoberta permitiria realisar. Só a força que o corpo gasta em suportar a pressão da atmosfera, seria suficiente para sustentar um tal peso, que, em comparação de quem carregasse com ele, ficaria pequenino Sansão pegando nas portas de Gazza.

Com a cabeça suportamos uma pressão atmosferica de 1520 kilos aproximadamente. Suponhamos que esta pressão não existisse; a força que inconscientemente empregamos agora para a suportar, bastaria para que dois homens pudessem transportar sobre a cabeça um elefante dos maiores.

Mas ainda ha exemplos mais curiosos das maravilhas que levariamos a cabo se pudessemos empregar, ao nosso gosto, as nossas forças. Consideremos, por exemplo, o coração, esse extraordinario aparelho que forma o centro do nosso sistema circulatorio. A energia equivalente ao trabalho que durante vinte e quatro horas faz o coração d'um homem, bastaria para poder levantar a pulso, a cerca de meio metro d'altura, um peso de 1:200 kilos, ou para elevar 1:000 kilos a uma altura de 35 metros. Calculou-se tambem que a quantidade de trabalho realisado pelo coração, só em doze horas, aquivale á energia que seria necessaria para puxar um comboio com uma velocidade de 37 kilometros por hora.

Na respiração empregâmos tambem quantidades imensas de energia; a que os pulmões gastam no decurso d'uma semana, bastaria para fazer habilidades que eclipsariam as dos Hercules de circo mais afamados, como levantar um elefante n'uma vara e movel-o com a maior facilidade.

E' ainda mais curioso o calculo da energia que gastamos nos actos voluntarios, pois n'estes podemos economisal-a, emquanto que na circulação e na respiração não podemos suprimir nem a mais insignificante quantia.

As pessoas que teem muitos conhecimentos e que por esta razão, ou então pela sua posição social, se veem obrigadas a apertar constantemente a mão a uns e a outros, ignoram provavelmente a força imensa que n'isso gastam.

A energia empregada em apertar a mão 1200 vezes, equivale a força de 300 cavalos.

Um homem que apertasse a mão a 6000 pessoas diariamente, durante um mez, teria gasto a energia que se necessita para mover o maior navio do mundo.

Tomemos agora para exemplo um orador; mas um orador d'esses que seguem ao pé da letra o axioma de Demosthenes, segundo o qual n'um discurso o gesto é tudo.

O nosso orador extende os braços, toma atitudes teatraes, bate com o pé no chão... Se o discurso dura uma hora, o homem gastou tanta energia nos movimentos, que se lhe fosse possivel concentral-a toda, poderia agarrar n'um carro electrico cheio de gente e assombrar assim o auditorio, em vez de o fazer rir com os seus espalhafatos.

Mas deixemos em paz o orador e vamos ouvir uma pianista d'essas que quando se sentam ao piano, tocam uma hora a seguir sem se importarem nada com os visinhos.

Durante essa hora tem essa dama empregado uma tal quantidade d'energia, que com ela poderia levantar o piano com as mãos e dar-lhe até umas poucas de voltas no ar.

Se a pianista, o orador e o cavalheiro que aperta a mão, gastam energia suficiente para levar a cabo os mais estupendos esforços, que diremos da creança travessa que salta e corre sem cessar, e do individuo nervoso que constantemente faz gestos e visagens?

N'estes é que a energia se perde deveras, pois que o gastal-a não é em taes casos necessario para a vida, nem tão pouco instructivo para o proximo, como a conferencia do orador, nem agradavel para os amigos como o apertar a mão.

Não são os nossos movimentos os unicos que exigem emprego de energia, esta é tambem indispensavel para realisar qualquer trabalho intelectual.

Calcula-se que a energia gasta por Calderon em compôr qualquer das suas famosas comedias, deixando de parte o movimento da mão ao escrever, teria sido suficiente para levantar um peso de mais de 12:000 kilos, isto é, o que pesam quatro elefantes juntos.

O TRABALHO NO ANTIGO EGITO

A prodigalidade com que as classes altas do antigo Egito consumiam a vida e o trabalho do povo é deveras assombrosa. N'este sentido, os monumentos que nos deixaram, provam que os egipcios não tinham rival. Podemos formar uma ideia do despreso com que se olhava para a classe interior, considerando que dois mil homens estiveram ocupados durante tres anos em levar uma só pedra desde Elefanta a Sais; que a execução do canal do mar Vermelho custou a vida a cento e vinte mil egipcios, e que para construir uma das pyramides, foi preciso o trabalho de tresentos e sessenta mil homens, por espaço de vinte anos.

UMA MONTANHA DE SERRADURA

Em Cheboggam (Estados-Unidos) ha uma verdadeira montanha da serradura. Mede 330 metros de comprimento por 270 de largura e mais de 1000 metros de circumferencia. A sua altura oscila entre 12 e 15 metros.

Esta montanha formou-se pela acumulação da serradura resultante das serras empregadas por uma companhiar exploradora das madeiras dos arredores, que está serrando arvores ha vinte e nove anos. Uma vez pensou-se em queimar o imenso montão de serradura, e não foi possivel conseguil-o.

UM PEIXE ORIGINAL

O Jardim Zoologico de Londres acaba de receber um animal, que constitue um verdadeiro paradoxo zoologico. Trata-se de um peixe, que se afoga, se passa muito tempo submerso na agua. Nada sempre á superficie, e salta em terra com frequencia.

POÇOS SEM FUNDO

Nos poços de mina mais profundos da terra não chega nada ao fundo, conforme se poude demonstrar no poço principal da famosa mina de cobre dos Estados Unidos, conhecida pelo nome de Grão Calumet.

Qualquer objecto que se atire, seja de que forma e tamanho fôr, vae chapar-se sempre na parede oriental do poço. N'uma dada ocasião, cahiu uma chave ingleza e não chegou ao fundo. Encontraram-a a algumas centenas de metros, incrustada na parede oriental do poço.

UMA NOVA MUMIFICAÇÃO

Para conservar com todas as aparencias da vida os cadaveres das pessoas queridas, um inventor russo propõe cobril-os por completo, com um revestimento de cristal, impedindo assim o contacto com o ar. Como não podia derramar-se vidro fundido sobre o corpo, este cobre-se previamente com uma fina capa de silicato de soda; depois mete-se num molde, e deita-se em torno dele o vidro derretido.

TEATROS

á sucapa...

NO GIMNASIO

PALMIRA BASTOS, na *Banca á Gloria*, o exito deste teatro. (*Desenho de Botelho*)

Trez mil contos!

Fomos dos primeiros, senão os primeiros, a afirmar que, a orientação dada em começo a determinado teatro de Lisboa, atiraria infalivelmente com essa exploração para as coisas mortas.

Segundo informações que temos, á empreza custou a brincadeira aos teatros, perto de «trez mil contos»!

E pensar o que se podia fazer com essa quantia!

E pensar que não se fez nada, absolutamente nada, nem sequer barulho!

Que pena!

Plantas de verão

Vai reaparecer como auctor dramatico Pereira Coelho, o revisteiro do «31» e de tantos outros grandes exitos de teatro popular musicado. Ainda bem! Pereira Coelho é uma pessoa culta, inteligente, moderna, e cujo bom senso e equilibrio—alem daquele fio de ternura tão portuguêsa que ilumina tudo que escreve dão ao seu teatro um cunho inconfundivel. Pereira Coelho é preciso. E' mais um soldado e dos bons, para a guerra ao mau teatro estrangeiro.

Historia anti a

No comicio do Teatro Avenida, Cristovam Aires afirmou: Foi preciso que Carlos Salvagem, tenentes recorresse a Cristovam Aires, capitão, para que a sua peça Entre giestas fosse representada. E' preciso que isto não suceda mais e que o Teatro Nacional português seja para portuguêses!

Apoiado! Nem que se tenha de recorrer aos valetes de espadas contra certas damas de copas...

Manual do Perfeito Homem de Teatro

III

A ARTE DE SER ACTRIZ

As actrizes dividem-se em duas especies a saber:

Estrelas e *vedetas*.

Fóra d'estas especies não ha actrizes, e se as ha devem procurar outra vida.

Estrela é uma mulher que aparece de subito á frente de uma companhia e ganha o que melhor entende.

Vedeta é exatamente a mesma coisa mas com outro nome para disfarçar.

Para se ser de qualquer das duas especies são absolutamente necessarios os seguintes predicados:

Pernas aceitaveis á primeira vista.
Fisionomia simpatica.
Bom coração.
Habitos de mulher cára.
Conhecer a madame Martin.
Tirar o retrato dez vezes por dia, com uma grande pluma.

A *estrela* ou a *vedeta* não devem jamais dizer que gostam de qualquer papel que lhes destribuam.

Pelo contrario, fingirá que é sempre contrariada que vai representar; quando sai do palco deixará transparecer que é com grande sacrificio que bisa os numeros, e sempre que entra no camarim dirá que está cansadissima, que aquela vida não pode continuar, que qualquer dia deixa tudo e vae para casa, etc, etc.

A *estrela* ou *vedeta* nem mesmo quando tiver setenta anos quererá fazer caracteristicas.

Se fôr preciso, deve empregar a força para não deixar de fazer «meninas» e deve ter o maior cuidado em não deixar de exigir que as letras com o seu nome no cartaz, tenham cincoenta centimetros.

A *estrela* ou *vedeta* deve ser facilmente atreita a dôras subitas, para de vez em quando haver trapalhada, porque a primeira figura está com as dôres do costume.

Deve egualmente, a senhora que se dedica a *vedeta* ou *estrela*, dar de vez em quando umas meias velhas ás coristas, para que estas vão dizer que a dadivante é uma bela alma.

A *estrela* ou *vedeta* não deverá nunca ganhar menos de duzentos contos e se poder, a meio da epoca, deverá arranjar um sarilho, para ter a recita de homenagem de graça.

Quando a *claque* não for absolutamente expontanea nas ovações, a *vedeta* ou *estrela* tem obrigação de afirmar que rescinde o contrato caso a empresa não tome providencias urgentes.

As *estrelas* antigas tinham «dom» e usavam tipoia.

As *estrelas* d'hoje usam Citroën e tratam-se por tu.

A' *estrela* ou *vedeta* é vedado:

Cantar de maneira que o publico perceba a letra.
Deixar de ter o primeiro camarim do palco.
Comparecer ás horas dos ensaios expressas nas tabelas de serviço.
Dizer que os vestidos fornecidos pelo guarda-roupa, são bons.
Deixar de se apaixonar pelo galã.
Não andar sempre com uma velhota que usa o nome de «dama de companhia».
Ter menos de oito admiradores no camarim todas as noites.
Não receber trez ramos de flores por semana de um admirador anonimo.
Não uzar meia duzia de aneis com brilhantes do tamanho de melancias.

As senhoras que quizerem em pouco tempo ser disputadas a peso de oiro e ter o retrato em todos os jornaes com varias hecatombes de adjectivos, não tem mais que seguir á risca estas instruções.

NO PROXIMO NUMERO

A ARTE DE SER ACTOR

TREMIDINHO

á sucapa...

NO NACIONAL

ESTER LEÃO, na peça *Amor Vence*, em scena com muito agrado. [*Desenho de Botelho*]

A casa com escriptos.

Em ameno cavaco Robles Monteiro declarou-nos que em caso algum concorreria á adjudicação do Teatro Nacional. Não deixam de ser inteligentes as razões que aduziu.

O brilhante cabo da companhia do Politeama está convencido de que quem for para o Nacional sentirá insuperaveis dificuldades. Como adjudicatario por sua conta terá em cima os autos nacionais como gerente—administrador por conta do Estado—os actores contratados.

Ele lá sabe... Apesar de tudo, ha muito bôa gente que para lá possa ir.

Um gesto largo

Um grande actor teve agora, de longe um gesto largo, enviando copiosa soma a uma empreza jornalistica para o simpatico fim de beneficencia. E' louvavel. Folgamos em que o actor tenha agora dinheiro disponivel e espirito generoso—tanto mais que ha tanto tempo se formára a lenda pelos vistos injustos, de uma sordida sovinice e de um coração pequeno demais numa tão grande pessoa.

Varias

—Parte brevemente para o Brazil, com a companhia de revistas de Antonio de Macedo, o nosso querido companheiro de trabalho e ilustre escritor Henrique Roldão, chefe da redacção deste jornal o qual se demorará na America cerca de quatro mezes. Desejamos-lhe optima viagem e acompanhamo-lo em espirito com a melhor amizade.

—No nosso ultimo numero, em rubrica «despezas da Revista de Teatro» inscreviamos uma verba nas contas da «Noite de Augusto Rosa». Convem explicar que essa verba corresponde a transportes e outros gastos pagos contra recibos de fornecedores.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

AS COLHERES DE PRATA

Autentico relato que se finalisa de uma maneira obscura para muitos

CERTA tarde, estava eu numa ourivesaria das portas de Santo Antão, quando entrou um rapaz alto, forte, moreno, com todo o ar de «português» dos sete costados».

Dirigiu-se ao dono da casa e, desembrulhando umas colheres de prata que trazia, disse:

—Vinha ver se queria comprar isto!

O Brito tomou uma das colheres, e examinou um brazão, gravado no cabo.

Maquinalmente olhei tambem e não poude suster um movimento de surpreza. Eu já tinha visto aquele brazão!

Onde?

E peguei n'uma das colheres examinando-a. Subito, um leão rompante gravado no brazão, avivou-me a memoria.

Olhei o homem qus trazia as colheres. Tinha todo o aspecto de um creado grave, habituado a lidar com gente fidalga. Esperando a resposta do Brito conservava uma compostura digna, atento aos movimentos do dono da casa. Mas... seria possivel? Então...

* * *

Eu sabia pela leitura do brazão, a quem pertenciam aquelas colheres! Sabia mais a fabulosa fortuna de que dispunha a pessoa a quem correspondia aquele sinal heraldico!

Seria crivel que uma tal personagem mandasse vender assim duas duzias de objectos do seu uzo, com a sua «assinatura» incrustada! Não! Ali havia coisa concerteza...

* * *

O Brito, olhou o homem de frente e perguntou:

—Estas colheres são suas?...

—Não senhor... isto é, deram-m'as...

—Deram-lh'as?

—Sim... quer dizer... comprei-as em Hespanha...

—Ah! Comprou-as em Hespanha! a quem?

—A... n'uma loja...

—Nas lojas não se vendem colheres com brazões... Leve isto d'aqui...

—Mas...

—Não compro! Leve isto, senão...

Eu já tinha visto aquele brazão...

O homem embrulhou apressadamente as colheres e saiu rapidamente, sem dizer palavra...

—Foram roubadas—disse-me o Brito.

—E eu sei a quem!

* * *

Segui o homem que entrou numa casa de penhores. Passados momentos saiu... sem o embrulho.

Dirigiu-se para o Rocio. Passou um carro para o Dafundo. Subiu para ele.

—Descansa! — monologuei — Sei muitissimo bem onde móras!

* * *

A's quatro horas de tarde, apeavame de um «taxi» á porta de certo Chalet proximo do mar, na linha de Cascaes. Levava uns oculos escuros e uma pasta debaixo do braço.

Toquei e apareceu um creado que eu já conhecia por ihe ter assentado um murro na cara em certa ocasião.

—Desejava falar a X!

—Impossivel! o X está recolhido! Alem d'isso não recebe senão as pessoas do seu conhecimento!

—Mas...

—Se é caso urgente pode talvez falar ao Sr. Secretario particular. O Sr. Z!

—Sim senhor!—tirei um cartão da carteira onde tinha mandado imprimir um nome qualquer, e a lapis, escrevi por baixo: «Chegado do Extremo Oriente com varios produtos»—Faz favor de lhe entregar este cartão!

O creado fez-me entrar para um corredor que eu já tambem conhecia quando certa vez fôra fingir que tratava de um telefone.

Minutos depois, aparecia-me um sujeito que me disse:

—Faz favor de me seguir!

* * *

Entrei num aposento elegante e ricamente mobilado. Por toda a parte, um enorme luxo e grande riqueza.

O sujeito apontou-me uma cadeira:

—Faz favor de se sentar!

—Com licença!—disse.—Cheguei ha oito dias de Macau onde sou funcionario do Governo e como sei que o X é um admirador de coisas...

—Que traz?

—Varias coisas, caixas de charão, cabaias, kimonos, especialidades do Japão e da China...

—Sim, realmente, o X gosta dessas excentricidades...

—E ainda trago uma coisa que...

—Diga...

—E' de uma enorme responsabilidade... Ainda se o X... estivesse presente...

—Compreendo...— e o sujeito, levantando-se, disse:—Com licença! Eu já volto.

Por toda a parte, via o mesmo brazão das colheres, nos reposteiros, em livros, nalguns quadros. O «ladrão» é que eu ainda não tinha visto, mas não tardaria, por certo...

O sujeito apareceu novamente dizendo:

—Faz favor de entrar para aqui...

Entrei. Sobre uma rima de belas almofadas, vi um homem que logo adivinhei quem era.

—Senhor—disse—Cheguei do Extremo Oriente...

—E traz alguma coisa interessante?—disse-me em francês.

—Sim senhor!—respondi na mesma lingua—Trago... Trago opio!

* * *

Combinou-se qne no dia seguinte, eu levaria ao Chalet a droga, a troco de uns tantos mil reis. Mas... o creado... o tal que eu procurava é que não havia maneira de lhe pôr a vista em cima.

Subitamente o X disse, dirigindo-se

E rapidamente puz-lhe as algemas...

ao sujeito português que eu tinha apresentado:

—O' Z! Peça uma limonada!

O sujeito agitou uma campainha de prata e logo... o creado, aquele que eu vira na loja procurando vender as colheres, apareceu:

—Traga... principiou o Z.

—Perdão!—e dirigindo-me ao creado—Deixe-me vêr as suas mãos?—disse eu ao creado.

—Para quê?

—Já vai vêr!—e rapidamente meti-lhe nos pulsos uma algema:

—Que é isto?—disseram o X e o Z.

—Senhor!—disse eu, tirando os oculos—Este homem é um ladrão! Andava hoje de manhã procurando vender umas colheres de prata que lhe roubou!

E... perante a minha surpreza, o creado deu uma gargalhada, blasfemando:

—E teve você tanto trabalho para isto!

* * *

Meia hora depois metia-me em novo «Taxi», perfeitamente atonito!

Contra tudo o que eu pensára, o X não só me pedira chorando para tirar as algemas ao ladrão, como até exigia de mim, apelando para a minha honra, para nada dizer á policia!!!

Detective 523

O nosso grande Concurso de Novelas Curtas

O jury, reunido sob a presidencia do eminente escriptor Aquilino Ribeiro e secretariado pelo ilustre jornalista Norberto Lopes, deu já o seu parecer.

NO PROXINO NUMERO:

Os premiados

Numa das salas de *O Domingo ilustrado* reuniu-se pela ultima vez e para apuramento do nosso grande concurso de Novelas Curtas o jury composto de eminentes individualidades sobre a presidencia do grande escriptor sr. Aquilino Ribeiro.

Foram, depois de selecionadas e devidamente escolhidas, divididas em duas partes as *260* novelas que deram entrada na nossa redacção.

A uma parte foi dada a designação de «aceitaveis», conquanto não todas premiadas.

A' outra parte a de «regeitadas. Foram em relativamente grande numero as novelas aceitaveis.

Dentre estas o jury classificou tres para 1.^{os} premios e seis para 2.^{os} premios.

Os nomes destes felizes concorrentes dalos-hemos no proximo numero. Os premíos entendemos deverem ser, na sua maioria *Obras de literatura e objectos d'arte* que mais se coadunam decerto com a sensibilidade de artistas e de literatos.

Uma grande coleção de obras da literatura portuguesa oferecidos pela grande casa Aillau de Bertrand, do Chiado, editora da *Ilustração* o maior magazine português.

Um belo biscuit de arte, Luiz XVI *Uma aguarela de mestre*, e outros premios valiosissimos alem da publicação das novelas e retratos dos auctores não só em o *Domingo Ilustrado*, como noutros jornaes.

* * *

Podemos desde já informar os nossos leitores de que, na sua maioria, as novelas apresentadas revelam da parte dos seus auctores admiraveis e invulgares qualidades de imaginação, estilo, sentimento e valor literario.

Algumas, mesmo das regeitadas, não significam falta de qualidades. Apenas algumas ingenuidades e inexperiencias as pozeram fóra da classificação, o que não quer dizer que em valor absoluto sejam más—Os seus auctores pelo contrario devem continuar aperfeiçoando-se.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

MATAR não é apenas premir o gatilho duma Browning, ou cravar, com ferocidades de sangue, um punhal na carne tenra. Matar é, apenas, tornar impossivel uma existencia—e as palavras, como as caricias podem ser ás vezes assassinas.

Eu acuso essa rapariga ruiva e misteriosa da companhia Velasco, de ter levado ao Banco de S. José por momentos, e depois á Morgue, o corpo gentil dum pobre rapaz que lhe não fizera mal algum e que era na vida apenas um coração ardente, generoso e fraco: Luiz Meireles Santiago, de seu oficio entalhador, natural da Ilha da Madeira e cujo corpo, ontem, retalhado sobre um marmore do Teatro Anatomico, onde esperava o bisturi incerto dos estudantes de medicina, ainda mantinha na musculatura fina da sua carne tostada, a «souplesse» elegante do «sportman» que ele fôra em vida.

* * *

E' simples a historia desse pobre e triste amoroso.

Luiz Meireles viera da Ilha para casa duns tios, afim de fazer em Lisboa o curso tecnico e industrial que desenvolvesse as suas raras aptidões de debuxante de moveis, que, já na Madeira, evidenciára por forma iniludivel. Em Lisboa, Luiz fôra um desses rapazes tentado pelo «sport» e que preferem uma noite fatigante e saudavel na larga sala do Gymnasio Club—ao deboche torpe de certas batotas elegantes e caras.

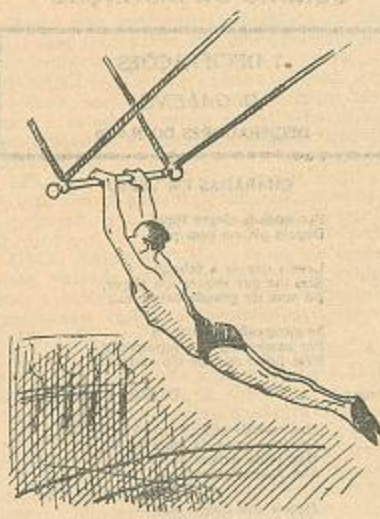
Vi uma vez a sua apresentação no Coliseu, voando com um grupo de amadores nos trapezios esticados sob a cúpula. O seu corpo, com ancas de rã, elastico, tinha a finura nervosa duma Tanagra de cêra.

No capitulo amoroso, Luiz, era uma creatura aparentemente banal, até ha pouco. Era um corpo exgotado pelo «sport»—e um coração quasi adormecido para a vida.

Foi numa tarde de Agosto ultimo, que o Luiz reparara nessa pequena da Travessa da Agua de Flor—sua visinha—que quasi não aparecia á varandinha florida de imensas verduras e onde, nessa altura, uma nespereira, num caixote, lançava ainda para o ar os pequeninos troncos cheios de bagos doirados.

Era uma rapariga seria, recatada e simples. Foi um idilio cheio de ternura aquele, como alguns idilios lisboetas que a gente pressente ahi por essas ruas solitarias em noites claras de luar, com amôres muito profundos e muito intimos entre duas creaturinhas unidas e apagadas, na meia—tijela desta burguezia pobre, para quem a rua humilde, nas altas horas sós da noite, tem a doçura dos paraisos de vergeis suaves.

Amaram-se muito, com confidencias de ternuras pequeninas, com sonhos bons e dulcissimos ao clarear da manhã, no planalto de S. Pedro de Alcantra, quando a cidade ilumina de oiro as suas sete colinas e ficavam os dois, enlaçados e estaticos, os labios colados, na luminosidade estonteante do dia, que nasce ás vezes em Lisbôa com o ardor triunfal duma abertura de Wagner...

O romance fôra rapido, fulgurante, imprevisto, como no desenrolar dum quadro de cinema. O casamento estava preparado, para agora, para Abril. Tinham tomado de trespasse o quinto

Tinha o corpo fino e elastico, como uma rã...

andar daquele predio esguio, côr de rosa, que torneja a travessa. O ninho era alto; e quando abriam a janela sobre a encosta que ficava em baixo, direitinha ao Rio, ela tomava o ar doce de certas castelãs, a sorrirem da gelozia da Alcaçova sobre o burgo antigo e submisso...

E foi toda uma semana a colar os papeis floridos e novos nas paredes, a retocar as portas, a pregar cortinas, a pôr paciente e amorosamente todo o conforto no ninho macio...

* * *

No Carnaval ele fôra, com os outros ao baile do Trindade. E já tarde, quando o bando de espanholas invadiu a sala, houve correrias e entusiasmos novos.

A rapariga (cuja nome eu guardo porque este jornal chega ao Porto) ficou no acaso dos encontrões da sala, junto dele—e com a graça das Espanholas tirou-lhe as violetas que ele mordia entre os labios vermelhos e finos.

Depois conversaram. Ele no seu pesado português sem brilho—ela no alacre cantar da sua vozinha de passaro, que parecia chilrear com castanholas na garganta.

—Que hace usted...

—Estou mono...

—¿Mono? Caramba... que no és usted modesto...

«Mono» em espanhol quer dizer bonito. E riram os dois. E dançaram juntos. E umas horas depois, sob a noite fria, desciam S. Roque até á pensão, onde ele colava á pequenina boca a sua boca ardente, e juntava á lactea palidez do seu corpo de ruiva fria, a chama da sua pele tostada e musculosa...

* * *

E durante dias houve uma gelada interrupção nos entusiasmos do novo lar.

A noivasinha parara de bordar a cambraia da camisa, duas lagrimas a bailar nos olhos serenos—mas não dizia nada...

Só nessa noite lhe disse muito que não faltasse... e ele prometeu. Haviam de ir os dois arrumar o quarto a cima.

Mas á noite ele voltou ao teatro.

HOJE
LA FERIA DE LAS HERMOSAS

Era aquele quadro em que as mulheres mostram as coxas morenas sob os «mantons» de seda, que assim melhor destacam no veludo das carnes macias...

A musica estonteava. Ele viu no palco as ancas brancas de jaspe á luz dos arcos voltaicos. Passou a hora. Fez-se tarde, e não voltou á casa nova.

A «Ruiva» esperava-o. Cearam no Silva—e só muito de madrugada, estonteados, dormiram...

* * *

Ele deu um pretexto falso. Ela, a noivasinha triste, apanhou-o, flagrante, na mentira. Houve um insulto, um grito rouco de choro, e a convulsão dumas lagrimas.

—Está tudo acabado!

—Tudo acabado!

E separaram-se. Tres dias ela não saiu da cama, a sofrer a dôr do seu sonho desfeito.

Depois, na madrugada, levantou-se quando tudo dormia.

Levou as chaves. Subiu a tremer

E precipitou-se sobre a rua...

até lá cima. Abriu as portas que estalavam ao verniz fresco das tintas e foi á janela. Escancarou-a á luz violeta da ante-manhã. Envolveu-se muito no chalesinho preto, pegou num banco, benzeu-se, fechou os olhos e dum salto lançou-se hirta e convulsionada no escuro da travessa humida...

O crime da ruiva da companhia Velasco

Novela onde passa um rasto de beleza e de tragedia, deixado em Lisboa por uma rapariga desse alacre bando de Velasco. Leia: Comover-se-ha!

O corpo estoirou na lage molhada com um som chôco, e esteve cinco minutos sob a chuva miuda sem que alguem o visse, revirando-se até á valeta, e soltando um debil gemido pela boca desfeita...

* * *

—No! Hoy no puede ser! El señor de enfrente me ha envitado á cenar. Ademas, usted lo sabe, me lo ha presentado D. Eulogio...

—Não, mas tem que ser hoje. Quero ir contigo. Hoje não posso ficar só!

—Por Dios! ¿Que se lo exige usted?

—Já te disse! Hoje tem que ser!

E ela soltou-lhe uma gargalhada e entrando pela porta da caixa, deixou-o colado ao passeio, alucinado, descomposto.

Logo que soubera da morte fugira da travessa e tinha andado todo o dia, a beberricar, pelas tabernas, deambulante numa semi-loucura lucida.

Fôra a S. Pedro de Alcantara e beijara o retrato dela, n'um choro convulso. Amaldiçoou a «Ruiva» mas sentia-se, na verdade o unico culpado. Por isso á noite, queria ao menos esquecer—na volupia sexual—aquela morte que o estrangulava. Mas a «Ruiva»—pela primeira vez—não apareceu á saida...

* * *

Lá andava a saltitar na Gare a Rosita Rodrigo, de penca de cavalete, com a face macerada e as sobrancelhas cortadas a «gilete», envolta no seu belo casaco de peles cinzentas, e com ela, como besouros pesarosos em torno da luz, lá estavam os rapazes «chics», o Peres (e mais alguns casados... que eu não sou de intrigas!)

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

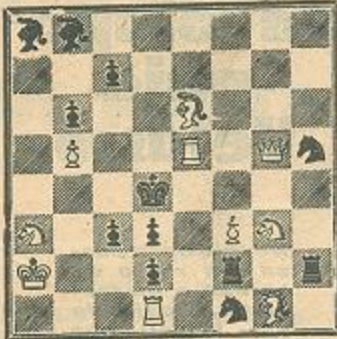
VARIA

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 60

Por P. ten Cate (1.º premio 1925)

Pretas (12)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 58

1 T 5 D

Um Meredith (problema que não tem mais de 12 peças). A repetição de qualquer elemento particular especialmente em relação com o mate e numa forma inteiramente analoga, é chamada um eco. Assim neste problema se as pretas jogam... B 6 B D as brancas respondem D toma C mate, e se as pretas jogam... B 4 B D as brancas respondem D 6 T mate, isto é, dão um mate eco anológo ao anterior. Quando num eco o Rei é morto em casas de cor diversa o mate chama-se eco camaleão.

Resolveram os srs.: Vicente Mendonça, Sueiro da Silveira e Grupo Albicastrense.

O CRIME DA RUIVA DA COMPANHIA VELASCO

CONTINUADO DA PAGINA 7

—Dios mio! Cohen, mi maleta! ¡Que no se olvide usted!

Voltei-me. Era a «Ruiva». Dava muitos adeus a um homem seco e calvo que lhe entregava um pacote de bôlos, e dentro da carruagem fez um aceno com a luva cinzenta.

—Hasta jueves!

—Adeus!

—Tanto gusto...

E o homem calvo, agitava o chapeu ao comboio que se sumia, e prometia com a cabeça não faltar «jueves»...

* * *

Nessa madrugada de 2.ª feira, ha portanto quarenta e oito horas do momento que lhes escrevo, Luiz Meireles Santiago suicidou-se por enforcamento na casa da travessa da Agua de Flor, na mesmo ferro da janela donde saltou para a rua a mulher a que ia unir o seu destino.

Amanhã, «jueves», á hora a que os estudantes de medicina começarem, no teatro Anatomico a estudar as incisisões musculares nos belos braços atleticos do pobre marceneiro—a «Ruiva» da companhia Velasco deve ter a pontual entrevista com o homem calvo que lhe deu o pacote de bolos, e os cartazes do Porto dirão mais uma vez.

HOJE
LA FERIA DE LAS HERMOSAS...

O Reporter Misterio

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

16 DECIFRAÇÕES (Todas)

CAMARÃO, EDIPO, ETIEL, JOFRALO, LHALHA, BISTRONÇO, HOFE, RAZALAS, (todos da T. E.), e A. D. MEIRA.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 59

DEDICATORIAS:

LORD DA NOZES, LHALHA, BISTRONÇO, HOFE E D. VASCO, cumpriram a sua obrigação.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Lamia, 2—Objeito, 3—Incuria, 4—Extremoso. 5—Pautear, 6—Tacanho, 7—Marreco, 8—Vigario, 9 Pirajá, 10—Morcego, 11—Manguerim, 12—Alado, 13—Indigno, 14—Catalogo, 15—Dos cheiros o pão e do sabor o sal.

CHARADAS EM VERSO

(*Agradecendo a Eleatas do ilustre confrade* Avieira)

1 E eu então desta maneira
Respondi ao «Avieira»,
Qu'inda não tem madureza:—1

Deixa estar meu bom confrade
Que o filosofo a ti ha-de
Dar-te resposta bem teza.

Se na charada és um ás
Põe-te a *remar para traz*—2
Pois a corrente atrapalha.

E á Grecia não voltes mais
Ver «Eleatas» das tais
Para *afligir muito* o Lhálha,

Lisboa — LHALHA (Da T. E.)

(*A* Rei-Fera)

2 Ouvi, *senhora*, o que vos vou dizer:—2
Ouvi a minha vós triste e dolente
Que por vós chama infinda, eternamente,
E será mais feliz o meu viver.

Sereis injusta se esta vós fremente—1
Não fôr ouvida como deve ser,
Porque este amor que assim me quer vencer
A vós é consagrado lealmente.

E se mesmo ainda assim não fôr ouvido,
Continuarei o meu viver perdido
Dedicando-vos sempre o mesmo amor.

Suportarei a vida na ilusão,
Entoando a vós, *senhora*, uma canção;
Um hino de esperança, de calôr.

Lisboa — CAMARÃO (F. E. e G. E. L.)

(*A todos os confraddes*)

3 Amigos, queiram ouvir
Um caso que vou contar:
Andava um pobre a pedir
Dizendo assim, a chorar:

Prenderam hontem meu pai
Por ele a pedir andar.
Mas não ha *«direito»*, olhai;—1
Val' mais pedir que roubar.

Um homem que o viu prender
Para o policia gritou:
Suspenda! Que vai fazer?
Prende-lo, lhe replicou.

O homem me disse então:
Castigue aquele malvado.
Bater no policia? Não!
Com *prudencia* eu tenho andado.

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T.E.)

[*Ao ilustre charadista* Camarão]

4 Por mais que o saber estique,
Por mais que você se espiche,
Ha-de ter um tal chilique
Que ficará pouco fixe...

Se a charada fôr a pique
Você os dedos não lixe:

QUADRO DE DISTINÇÃO

7 DECIFRAÇÕES

D. GALENO

DECIFRADORES DO N.º 59

CHARADAS EM VERSO

Por mata-la alegre fique,
Depois pinte-a com pixe.

Leve-a depois a reboque
Sem lhe dar sequer um toque,
Ao som de grande batuque...

Se *desiguala* no truc—6
Por *compaixão* não espoque—1
Nem fique enorme c'o choque...

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

5 Um *marido* atraiçoado—2
Que tem *pena* da mulher,—1
Não pode deixar de ser
Um *valente* descarado.

6 *Pessoa que dança mal*,—
Até vir ser dançarina—1
Terá que dar muito á perna,
Tem que ser muito *traquina*.

Lisboa — D. VASCO (T. E)

CHARADAS EM FRASE

(*Vo ilustre confrade* Lhalha)

7 *Repita* o que fez numa *povoação da Guiné*; e verá a *camoeca* que apanha—2—1

8 Guarda a *bolsa* que será para *ti* um *estimulo*—3—1

Lisboa — D. GALENO

9 Desta *especie de couro* posso *afirmar* ter visto um par de botas a um *pedante sentencioso*,—2—1

Lisboa — D. VASCO (T.

10 De uma *roda* fiz uma *ventarola* para um *pretinho*.—1—2

Licboa — D. SIMPATICO

11 *Atraz até* vejo a *cadeira*.—1—1

12 Não me vá *faltar*, por *Deus*, com o *amendoim*.—2—1

Lisboa — REI-VAX

13 O *escriptor* que acaba de descer á *sepultura*, deixa grande saudade nesta linda *terra portugueza*.—2—2

Lisboa — ZEQUITOLES

ENIGMA

14 No dia das eleições
Lá na minha freguezia,
Houve «castanha» bravia;
Bengaladas, encontrões...

Ao rumor da gritaria,
Corre a «guarda» aos encontrões;
Dá sopapos, bofetões,
O que aumenta a infernaria.

Corri tambem apressado,
E vi na ocasião
Que cheguei, ser espancado

Por um guarda, um ancião!
Só faz isto um malcreado
E' a minha *opinião*.

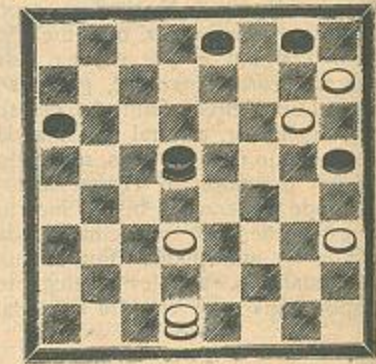
TERNO DE PAOS

DAMAS

Solução do problema n.º 59

	Brancas	Pretas
1	20-24	27-20
2	12-16	20-11-2 (D)
3	1-6	2-9
4	5-14-23	32-14-7
5	3-17-26-16	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 60

Pretas D e 4 p.

Brancas 1 D 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 58 a sr.ª D. Emilia de Sousa Ferreira e os srs.: Artur Mascarenhas Monteiro, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Carlos Gomes (Bemfica), Especiruz, José Brandão, José Magno (Algés), Sueiro da Silveira, Vicente Mendonça, Um oficial (Foz do Douro), e um principiante (Carvalhos), que nos enviou o problema hoje publicado, o qual é mais de mestre do que de principiante.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

AS NOSSAS SECÇÕES DE CHARADAS E RASSATEMPOS

Chamamos a atenção dos paes e educadores, especialmente, para as nossas secções de damas, xadrez, palavras cruzadas e charadas.

Essa nossa pagina constitue alem duma admiravel gimnastica mental, um campo excelente de cultura do espirito.

Uma charada é para muita gente uma massada—e nada mais.

Orientadas superiormente as preguntas desse genero que damos á publicidade, bem como os problemas de taboleiro que publicamos, em cada numero de «O Domingo», tem o publico uma lição recreativa e utilissima.

Varia

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MIGNON. — Força de vontade, optimismo de quem tem muita confiança em si propria, amor á estetica, lealdade, orgulho, generosidade bem entendida, detalhista, amor ao trabalho, espirito de justiça.

EGO SUM QUI SUM. — Caracter desconfiado e precavido, força de vontade media, pouca vaidade, economico, de gostos simples mas de ambições fundas e nunca confessadas, inteligencia assimilavel, vivacidade, refletido e calmo no pensar e rapido a executar, ordem e boa memoria.

TILDE.—Inteligente e de ideias claras, ideias proprias e juizo claro e justo, energia, bom gosto, vaidade natural, pouco amor ao trabalho, boa saude e bons nervos, ordem, amor pelo conforto e ao lar, optimismo, curiosidade, culto da recordação.

TANAGRA. — Força de vontade tenaz, imaginação, inteligencia assimilavel, ideias elevadas, memoria explendida, energia moral, sentimento de arte em todas as suas manifestações, pouco mudavel nas ideias, orgulho intimo, nem optimismo nem pessimismo porque só acredita em si proprio.

FULL-HEARTED.—Tão parecido com «Tanagra» que parecem uma mesma pessoa; eu vejo no segundo mais espirito e mais cultivado.

CAVALEIRO AUDAZ. — Caracter aberto e leal, um tanto prodigo demais, impaciencia, inteligencia muito assimilavel, pouca vaidade e amor aos livros, desordem nos objetos e ordem nas ideias.

UM QUE DESEJA CONHECER-SE.—Força de vontade media, pessimismos passageiros, espirito um tanto ironico, generosidade intermitente (poupa ás vezes um alfinete e outras compra coisas sem precisar e dá a quem não deve ideias) rapidas, nervos fortes e sentimento de poesia.

AMOR LEINEN.—E' muito dificil (quasi impossivel definir um caracter apenas pelo estudo de um envelope pois é documento que todos escrevemos quasi egual e portanto não contem nada de pessoal; como já esperou muito tempo respondo-lhe ás poucas cousas que nele posso ver.

A pessoa que escreveu tem um espirito fino e sensivel, não isento de graça e vivacidade, mas preocupa-se muito com os outros e de inteligencia um tanto mediocre, muito afeiçoada aos seus e ao que os seus lhe dizem, religiosa... e nada mais; se me tiver enganado a culpa não é minha mas sim da falta de escrita para analisar. Sempre ás ordens.

ZEQUITO. — Caracter impulsivo, nervoso, inteligente e generoso, ciumento e apaixonado (embora não queira confessar), impaciente, leal, pouco meigo e nada vaidoso.

WANDA,—Espirito vivo e imaginação, inteligencia assimilavel, amor aos romances, impressionavel, um tanto complexa pois sem razão ás vezes muda de caracter e é má sendo no fundo boa... Generosidade, bom gosto.

HEROINA.—As suas teorias acerca da mentira são muito acertadas, coisa nada extranha, uma vez que V. Ex.ª é uma grande cultivadora dela; ama a mentira com paixão não é verdade? Tem uma viva imaginação e para que tudo acabe em ão, diremos (isto muito seriamente) que tem um excelente coração. Memoria regular e intermitente, habilidade manual, inteligencia clara mas preguiçosa, de trato afavel, verbo facil e sentimento de poesia, vaidade e orgulho.

REI PRETO.—Caracter impulsivo e dedicado, muitos nervos, imaginação um tanto fantasista, optimismo. Bom gosto, amor á estetica, lealdade, memoria fraca, força de vontade, habilidade manual.

BERTINI.—Maus nervos num bom caracter, pouca vaidade, energia moral, muito amor aos seus. Curiosidade, nem optimismo nem pessimismo, mas uma grande confiança em Deus (mas sem ser fanatica é bastante crente); ideias independentes, proprias e nada mudaveis.

JOPINZA.—Caracter calmo e reflexivo, amor á leitura, sentimento da poesia, ordem, aceio, amor á estetica, energia moral, generosidade bem entendida, curiosidade, amor ao trabalho, administra-se bem.

BELEZA. — Impulsivo, energico, e optimista, leal com os amigos, apaixonado, vehemente e generoso, uma pontinha de vaidade que lhe não fica mal, muitos nervos e bem dominados.

UMA SALOIASINHA.—Força de vontade tenaz, vaidade intima, muitos nervos, voluntariosa e autoritaria. Orgulho, diplomacia, inteligencia mais cultivada que assimilavel, mundanismo, muita confiança em si propria.

UM SERRANO DOS HERMINIOS. — Recebi esta sua carta junto com outra para analiar tambem. As outras que alude não chegaram ao meu poder, responderei a estas brevemente.

CRUXIFICADO.—Tem bastante mau genio quando o contrariam mas passa-lhe depressa é muito nervoso e impaciente, inteligente e despreocupado, pouco vaidoso, mas com bastante orgulho intimo, ambicioso, falador e administra-se muito mal.

E. O. B.—Orgulho, vaidade, pose para tudo, bom gosto para tudo tambem, Originalidade, amor á estetica ás artes e ao luxo, lealdade e bom coração, habilidade manual.

EU MESMO.—Serve o grafismo de cima.

GERIBAL.—Força de vontade fraca, espirito vivo e amante da literatura, nervos bem dominados, generosidade bem entendida, pouca vaidade mas dignidade de si proprio, inteligencia clara, reserva e discreção,

MANGULHO.—Muitos nervos e mal dominados, manias literarias, preciosismo, sentimento de poesia, caracter sensivel subsceptivel e caprichoso, espirito religioso, vaidade natural, graça, bom gosto e curiosidade, um pouccohinho mentirosa.

GUIDA.—Boa e cultivada inteligencia, ordem, caracter reflexivo e pratico, boa memoria, amor aos livros, por vezes bastante pessimista, pouca vaidade, generosidade bem entendida, ideias proprias e nada mudaveis, agilidade de espirito e prontas resoluções.

D. PACO.—Não recebi senão a sua carta de 22 de feveriro, entra no numero e será respondida a seu tempo.

ROSA BRANCA.—Recebi a sua segunda carta tem que ter paciencia esperar pois ha muitos diante de si.

DAMA ERRANTE

Muito importante,—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

É DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, LIMA CHARADAS

Campeões do n.º 58

HORISONTAIS:—1—Sepultura, 2—Preferir, 3—Especie de borboletas diurnas, 4—Reprime, 5—Terra portugueza, 6—Discursar, 7—Logro, 8—Intriga, 9—Ciumento, 10—Sarcofago, 11—Cola, 12—Ferrete, 13—Capela, 14—Caução dada por terceiro ao pagamento duma letra de cambio, 15—Ente supremo, 16—Flauta rustica, 17—Bebedo, 18—Homem sem merito, 19—Criminosos.

VERTICAIS:—1—Povoação fora da cidade, 2—Oro, 8—Verrumão, 11—Giria, 12—Exporta, 20—Navegar, 21—Constelação, 22—Naturalista e viajante hespanhol, 23—Delonga, 24—Preferem, 25—Incomparavel, 26—Terreno plantado de aveia, 27—Lagoa do Brazil (estado do Maranhão), 28—Amor, 29—Nome dos seis principes que reinaram na Russia, 30—Boneca, 31—Uma das tres musas, 32—Teimoso, 33—Esquadrões.

Solução do numero passado:

HORISONTAIS:—1—Aade, 2—Acro, 3—Mal 4—Ar, 5—Ralar, 6—Mu, 7—Pé, 8—al, 9—hei 10—Evo, 11—Vaso, 12—Cama, 13—Ror, 14—pôr 15—As, 16—Pó, 17—Ló, 18—Irene, 19—Ut, 20—Ira, 21—Colo, 22—Oasi.

VERTICAIS:—2—Ala, 3—Má, 5—Ré, 7—Piara, 13—Rola, 16—Pé, 23—Aa, 24—Ema 25—Ré, 26—Baal, 27—Alda, 28—Furo, 29—Ra, 30—Limpo, 31—Evo, 32—Vão, 33—Caer, 34—Rita, 35—Si, 36—Rio, 37—Não, 38, Pó, 39—As.

RENÚNCIA — Versos de Virginia Victorino.

Em nossa literatura contemporânea, e não digo só na literatura feminina, Virgínia Victorino sobres·ai como um grande, nobre e excepcional temperamento poético. Agostinho de Campos chegou a afirmar ser ela quem sustenta, hoje, o mesmo sceptro do nosso lirismo amoroso, que já esteve nas mãos de Camões, de Soares de Passos e de João de Deus.

Dentro de certo campo, o seu estro descobriu os moldes poéticos que mais interessariam à sua geração, renovando a forma, sempre inconstante e vária, que serve para cantar o mesmo eterno sentimento. Assim se explica o segrêdo da invulgar popularidade que dos seus versos teem alcançado.

Espontânea e naturalmente, a poesia de Virginia Victorino encontrou-se dentro do seu tempo, acertou a sua cadência pelo ritmo da Criação, penetrando bem nas almas actuais, cumprindo à risca a função humana e piedosa da Arte, considerada como intérprete de todas as exaltações e anseios que perturbam a maioria sofredora dos que não sabem cantar para adormecer a sua Dor, dos que mal sabem falar e queixar-se. Por emquanto, não há razão para temer que ela cristalize num requintado e impassível virtuosismo, indiferente a quaisquer novas pulsações que agitem o imenso coração da humanidade.

Os casos de extraordinária vocação poética, como o de Virgínia Victorino, devem considerar-se como raros favores divinos. E' um pecado de inteligência confundir essa mercê de Deus com quaisquer habilidades literárias, que podem, aliás, ter mais intrínseco valor intelectual. Seria confundir o ardor combativo de Joana d'Arc, vencedora pela graça de Deus, com o talento estratégico de algum insigne cabo de guerra.

Não sei se Virgínia se apresentará melhor ou peor, como criadora de Beleza, nêste último livro, que há dias apareceu nas montras das livrarias. Mas sei que lêr os seus novos sonetos é reatar o mesmo florido sonho da beleza, de emoção, de humana simpatia, de infinita ânsia de amor e de certeza.

Fazer referência especial a qualquer dêsses sonetos, é impossível. A dificuldade da escolha não é, aqui, um lugar comum. «Palavras» é uma belíssima elegia. A «Rosa da Fructa», «A Forja», «A Serra», são modelos impecáveis dum parnasianismo actualizado, em que a forma rígida e marmórea dá lugar a uma inútil ânsia de quietitude. Dentro do subjectivismo amoroso, campo onde Virgínia não tem hoje rival, os sonetos «Incoerência», «Serenidade» e «Renúncia» marcam pela sua impressionante perfeição. «Alcacer-Kibir» é um sonoro trecho épico, morrendo em névoa, paradoxalmente, com versos erguidos para o sol, como braços pedindo uma comunhão pagã.

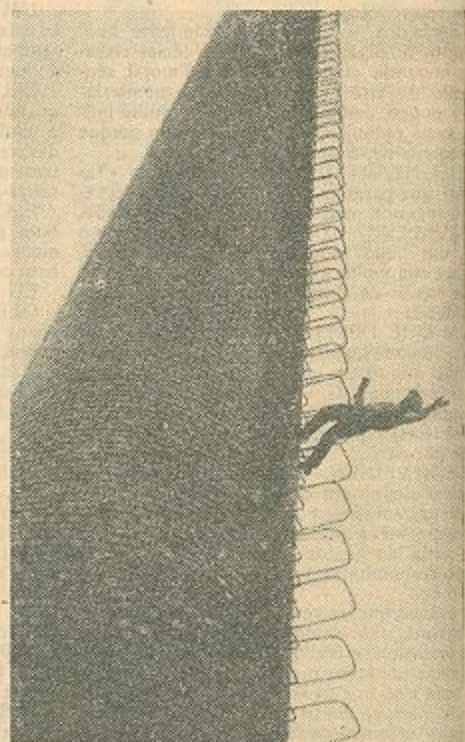
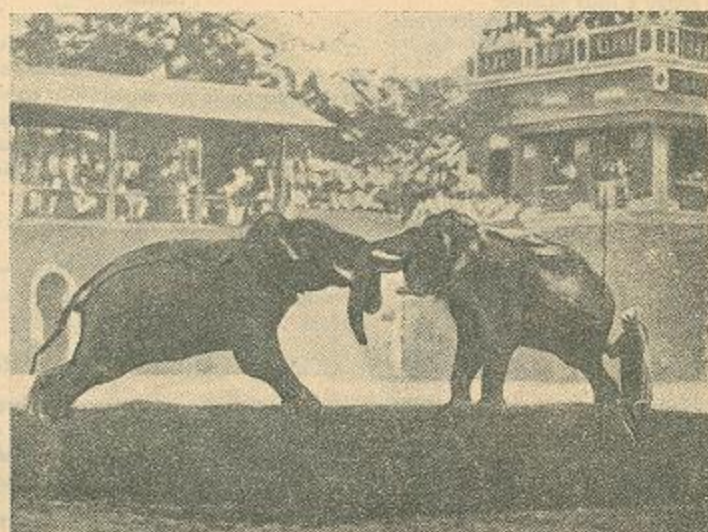
«Renúncia» não é um título triste nem de mau agoiro, porque Virgínia Victorino não tem o poder de renunciar ao seu grande sonho de beleza. Ela é quási irresponsável das maravilhas que produz e que Alguem vem dictar-lhe ao ouvido, à hora em que os poetas ouvem falar as estrelas...

Tereza LEITÃO DE BARROS

Actualidades gráficas

Segundo um fantasista, eis os apetrechos que d'aqui a vinte anos terá de uzar o pobre peão que pretenda atravessar as ruas de uma grande cidade . . .

O movimento de carros nas ruas de Berlim, tem de tal maneira preocupado a policia de transito alemã, que foi obrigada a montar nas encruzilhadas das principaes avenidas, estrados luminosos onde os agentes indicam aos muitos e variados carros o caminho a seguir

Alfred Gorg, celebre acrobata alemão, acaba de bater o record de audacia subindo a uma chaminé de setenta metros de altura, da maneira que se vê na gravura.

A gimnastica ritmica ao ar livre está sendo a grande paixão da mocidade feminina americana.

O vice-rei das Indias assistiu recentemente a um belo espectaculo oferecido pelo maradjá: Uma feroz luta de elefantes.

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

RICARDO PIRES & C.A

LISBOA
Rua da Gloria, 72, 1.º Dt.º
Endereço telegrafico: AMENDOENSE

AFRICA
LOANDA — Caixa Postal 338
Endereço telegrafico: TABACOS SILVARES

PROPRIETARIOS DA

Empreza dos Tabacos de Angola

FABRICO MECANICO APERFEIÇOADO DE PICADO, CIGARROS E CHARUTOS

IMPORTADORES EXPORTADORES

Serralharia Mecanica

SOCIETARIOS DE: Elias & Pires Ltd.a em Lucala, com filiais de permuta nas regiões de café — Sociedade Agricola e Industrial de Camonca, Ltd.a (Agricultura) — Empreza Pecuaria do Rio Tapado Ltd.a no Lobito e Egipto (Creação de gado e palmeiras) — Machado & Ricardo nos Selles (Cultura de Palmares)

Calçado «ELITE»

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO
ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE
NAS
PRINCIPAIS SAPATARIAS
DE LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO
NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73 Rua Garrett

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO
RUA 31 DE JANEIRO, 53
Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: 1160

FILIAL EM LISBOA
RUA DO CARMO, 87-B
Tele { gramas: AUREARTE
{ fone: N. 1360

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES
E LUXUOSOS
SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

TINTAS DE AGUA

Calcarium

Para paredes, dando a verdadeira ilusão de papel. Lavaveis e higienicas. Mais economicas e artisticas que o fôrro de papel ou tintas d'oleo.

Bénard Guedes, L.da

R. do Crucifixo, 75, 3.º

TELEFONE C. 1447

Sapataria Felix

LIMITADA

AS ULTIMAS NOVIDADES
EM
CALÇADO DE SENHORA
E SEMPRE
MODELOS NOVOS
EM
CALÇADO DE CREANÇA

LISBOA
RUA AUGUSTA
281-285

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora, sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$1[illegible]
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$3[illegible]

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITIC[illegible]

Lyman Ford o Homem que cái do ceu!

(Um notavel paraquedista acaba de lançar-se a 500 metros de altura, sobre a Amadora, aterrisando com a maior suavidade sobre o campo lavrado. A nossa gravura representa-o no momento supremo em que abre no espaço o seu aparelho).